

Brasileiros nas escolas estrangeiras

As instituições americana e francesa, apesar dos altos preços cobrados, sempre são procuradas por pais de alunos. Para 98, praticamente já não há vagas.

Destinadas à comunidade diplomática, as duas escolas estrangeiras instaladas em Brasília — a Americana e a Francesa — são cada vez mais procuradas por estudantes brasileiros, que já são maioria absoluta nos dois estabelecimentos. Dip-omaticamente, a direção das duas escolas fazem questão de divulgar que, para 1998, praticamente não haverá vagas para novas matrículas.

A procura pelas escolas ocorre apesar dos preços das mensalidades, que são bem acima da média do que é cobrado pelas escolas brasileiras. A Escola Americana, fundada há 33 anos, é facilmente apontada como a detentora das mais altas taxas de matrículas e de mensalidades do ensino pago do Distrito Federal.

No ato da matrícula, o pai do aluno tem que desembolsar exatos R\$ 3.500. “Mas essa quantia vale para toda a vida,

do jardim I ao último ano do segundo grau”, apressa-se em dizer a diretora do programa brasileiro da escola, Darcy Machado Sullivan. A mensalidade, do jardim de infância à sexta série, é de R\$ 733,00. Da sétima série ao último ano do segundo grau, a mensalidade passa a ser de R\$ 916,00. Embora o ano letivo da Escola seja de dez meses, de agosto a junho, são cobradas 12 mensalidades. Nesta escola, com diplomacia e jeito, ainda é possível se conseguir algumas vagas para o ano que vem.

Na Escola Francesa, os preços são inferiores e a anuidade corresponde apenas aos oito meses do ano letivo. A taxa de matrícula, que também vale do jardim de infância ao segundo grau, é de R\$ 450,00. Já a mensalidade, do pré-escolar à quarta série, é de R\$ 300,00. Da quinta série ao primeiro ano do segundo grau, custa R\$ 390,00.

Acácio Pinheiro



Na biblioteca da Escola Americana, os alunos brasileiros aprendem lição nos dois idiomas

Do segundo ano ao último ano do segundo grau, a mensalidade é de R\$ 435. A escola cobra apenas os dez meses do ano letivo, que vai de setembro a junho. Mas não há vagas para brasileiros, nem com diplomacia

ou o tradicional “jeitinho”, adverte a direção da escola. Mantida pela Embaixada da França, a escola funciona em Brasília há 20 anos e só aceita brasileiros quando há vínculo do estudante com aquele país.